

FHC também é produto do meio

Antônio Alves de Almeida *

Se analisarmos cuidadosamente a sensibilidade ou insensibilidade de cada cidadão, chegaremos à conclusão que esse comportamento é, geralmente, influenciado pelo meio e, conseqüentemente, pela profissão ou atividade exercida.

Se você vai a uma delegacia de polícia ou mesmo posto policial, pode, por vezes, não ser bem atendido. Isto porque o policial pode estar mal humorado. Especialmente aquele que vive diariamente combatendo delinqüentes e criminosos, visando levá-los à prisão. Para alguns desses policiais, têm momentos que todos são criminosos e por isso não podem ser bem recebidos ao procurá-los. Este fato é decorrência do meio em que vivem esses profissionais.

Se conversarmos com um médico psiquiatra, que vive diuturnamente cuidando de alienados mentais, têm momentos que ele tem a impressão — mesmo em diálogo com pessoas lúcidas — que todos são loucos. Aliás, o próprio médico ao cuidar de um paciente, até em uma mesa de operação, é levado à insensibilidade, fazendo crer que não ouve nem vê o sofrimento dos parentes que em desespero podem perder um de seus entes queridos. Por isso, dizem ser o homem produto do meio, isto é, age de acordo com o meio em que vive.

Quando exercíamos, na qualidade de representante dos trabalhadores, a função de juiz no Tribunal Superior do Trabalho, muitas vezes ao proferirmos voto em processo que nos era distribuído,

onde um dos litigantes era o empregado, tínhamos a convicção de que o mesmo possuía todo direito; isso em decorrência da nossa experiência e da vivência diuturna entre os empregados, conhecendo os atos justos ou injustos que contra eles eram praticados pelo empregador. Por isso, naquele processo, a lei estava inteiramente ao seu lado.

Ocorre, porém, que o outro juiz, representante dos empregadores, como revisor do processo, entendia de forma totalmente oposta, achando não haver nenhum direito para o trabalhador. Aí entrava o juiz togado (de carreira) e desempatava o litígio, dando ganho de causa a um ou a outro. Isso se justificava porque cada um atuava de acordo com o meio em que vivia.

Com esses poucos exemplos, fica caracterizado que o cidadão tanto pode ser sensível, bom e humanitário para uns, como também pode ser insensível e mau para outros, tudo de acordo com o meio em que vive e atua profissionalmente.

Após esses esclarecimentos, podemos chegar ao Presidente Fernando Henrique Cardoso. Sua Excelência, pelo que se sabe, nunca teve a felicidade ou infelicidade de conviver com os pobres, desempregados, sofredores da seca e da fome, existentes tanto no vasto interior do país como atualmente nas grandes metrópoles.



O Presidente estudou, formou-se, tornou-se professor universitário, passando a conviver diuturnamente com alunos, quase sempre filhos de pais abastados, que nunca souberam o que era e é desemprego, fome, sede

e falta de terra para morar e plantar. A preocupação, naturalmente, era com a cultura e intelectualidade. E, em cultura e intelectualidade, reconhecemos que o Presidente ganha em todos os campos, mas no social e no humanitário, perde em quase todos.

Dizem que a sua aparente insensibilidade sobre o desemprego, a violência, a reforma agrária, instituição de frentes de trabalho no campo e na cidade, transposição das águas do Rio São Francisco para salvar os estados do Nordeste castigados pela seca, decorre, evidentemente, da falta de convivência com esses problemas e essa pobreza crônica do brasileiro, uma vez que a vida acadêmica é bem diferente da realidade vivida pela esmagadora maioria da população brasileira.

O plano Real conteve a inflação, mas se tivesse sido acompanhado de medidas contra o desemprego, não teríamos chegado ao ponto crítico a que chegamos. Algumas medidas; é bem verdade, são anunciadas, mas pela demora para sua realização deixa o brasileiro sem esperança de dias melhores.

É um estilo, reconhecemos,

mas essa estratégia nem sempre dá certo.

Infelizmente, é assim que age o Presidente Fernando Henrique Cardoso: totalmente diferente do estilo e ação adotadas por outros políticos brasileiros, dentre eles o Presidente do Senado, senador Antônio Carlos Magalhães. Este, pelo seu desassombro e agilidade para tomar decisões, nos faz pensar que se estivesse no lugar do Presidente FHC, nesses quase 4 anos de governo, já teria, naturalmente, resolvido a maioria desses problemas, uma vez que ACM sempre viveu entre o povo, especialmente os mais pobres, tendo conhecimento e sensibilidade para com o sofrimento da pobreza. O que, por força da ausência dessa convivência, como anteriormente fora dito, não ocorre com o nosso Presidente Fernando Henrique Cardoso, que embora inflexível em questões que assim devem ser tratadas, pessoalmente trabalha dia e noite, mas como não conta com uma equipe criativa, inovadora e ágil de colaboradores, tipo Sérgio Motta, demora muito para resolver problemas urgentes, deixando sempre para depois o que pode fazer logo. E, com isso, semeia pessimismo e desilusão entre a população.

Podendo-se chegar à conclusão, face a união das esquerdas, que somente um nome como o de ACM, se candidato a Presidente, teria maior aceitação junto ao eleitorado brasileiro.

* Presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio — CNTC